

INFÂNCIAS ROUBADAS NAS DITADURAS MILITARES LATINO-AMERICANAS

Políticas e poéticas da resistência

Adriana A. Silva¹

Universidade Federal de Santa Catarina

O presente trabalho apresenta reflexões da tese de doutorado *A estética da infância no cinema: poéticas e culturas infantis* (FE Unicamp 2014), assim como destaca um processo de pesquisa e criação desencadeado no final dos anos 1990. Conclui o Mestrado em Multimeios (cinema e vídeo) no Instituto de Artes da Unicamp em 2008, dez anos após minha entrada na Unicamp no curso de Pedagogia, tendo como atividade universitária inicial uma visita aos arquivos do AEL (Arquivo Edgard Leueronh) encontrando a documentação para o início do processo de Anistia dos meus pais, nos arquivos do “Brasil nunca Mais”. Em 2009 ingressei no Doutorado em Educação com um projeto de pesquisa sobre a Estética da Infância no Cinema.

Contagiada pela memória desencadeada no mestrado², selecionei filmes recentes com protagonistas crianças em contextos de luta política contra as Ditaduras Militares na América Latina e na Europa. Infâncias roubadas nas ditaduras militares que foram rememoradas no cinema, entre outros, analisei os filmes “A História Oficial”, “Infância Clandestina” (Argentina, 1985 e 2012, respectivamente), e “O ano em que meus pais saíram de férias” (Brasil, 2006), buscando através de suas imagens e sons ver, ouvir as crianças narradoras que vem representando, construindo e desconstruindo infâncias protagonistas, em contextos de luta política.

Nesta perspectiva, tive a intencionalidade de entrelaçar: a infância no cinema, a criança narradora e/ou o processo de rememoração dos cineastas em produções que não dissociam arte da política, e colocam no cenário social contemporâneo os bebês e as crianças como protagonistas das lutas e dos conflitos sociais.

¹ Doutora em Educação, Professora de Educação Infantil, atua na formação continuada nas redes municipais de São Jose e Florianópolis e como substituta junto ao Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação – CED da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. silvadida07@gmail.com

² Fiz o mestrado em Multimeios (cinema e vídeo) no Instituto de Artes da Unicamp, sobre processos criativos, literatura e audiovisual, com a dissertação *A poética do cotidiano com Clarice Lispector: emergindo imagens* (2008).

Também atrás dos rastros da memória, através da arte, tendo o cinema como referência, busquei olhar a complexidade destas infâncias ‘clandestinas’ na relação com os movimentos sociais tendo a intencionalidade de contribuir na construção de outros e múltiplos olhares sensíveis e críticos para as crianças e, nesse sentido, no constante desafio da luta por uma educação emancipadora, que junto aos movimentos sociais visa às emergentes transformações da sociedade em suas utopias revolucionárias, confiantes que outro mundo é possível.

I. A Infância vai ao cinema: arte e política na construção da memória

O filme *O ano em que meus pais saíram de férias*, realizado em 2005, pelo cineasta Cao Hamburger, é o primeiro filme brasileiro a apresentar a ditadura militar a partir de uma perspectiva infantil, ou sob a ótica da infância. Segundo entrevistas o diretor resgata neste filme de alguma forma a memória de sua própria infância, rememorada, reinventada e ressignificada.

Mauro é o pequeno protagonista do filme, deixa com os pais Belo Horizonte, tendo como destino a cidade de São Paulo, onde será deixado com o avô paterno, que trabalha numa barbearia, porém há toda uma belíssima seqüência de desencontro com o avô – que sempre é pontual, com o pai que está sempre atrasado e do neto, que fica a deriva na narrativa (pois o avô morre no início do filme) o menino é deixado pelos pais na porta do prédio do avô, Mauro acaba sendo abrigado por um vizinho, num ambiente repleto de judeus, sendo acolhido pela comunidade judaica do bairro.

Muito mais intenso do que a violência física há uma violência simbólica em toda a narrativa, velada, silenciosa e poderosa, que é a da iminência constante da repressão, do medo, da liberdade negada.

Marcelo Ridenti no livro *O fantasma da Revolução Brasileira*, (sua tese de doutorado em Sociologia na USP, defendida em 1989), em um inspirador *Prefácio Pessoal e Político* (p. 17-25), também busca referências cinematográficas para suscitar estes anos de chumbo,

Esteve em cartaz em São Paulo, em 1983, o filme de Margarethe Von Trotta *Os anos de chumbo*³, baseado na vida de uma terrorista de esquerda da Alemanha Ocidental, na década de 1970, que apareceu morta numa

³ Margarethe Von Trotta (1942) é uma importante cineasta alemã, pouco conhecida no Brasil, teve uma mostra retrospectiva de sua obra em 2006 no CCBB, em meio as comemorações do 8 de março. Prestigiada venceu o leão de ouro no Festival de Veneza com o filme “Anos de Chumbo”, 1981. Seu tema: mulheres e política, entre outros realizou Rosa Luxemburgo (1986) e Hannah Arendt (2012).

prisão de alta segurança; quase certo assassinada pela polícia como represália a uma série de atentados. Na fita, essa militante tinha um filho pequeno, criado pelo pai, devido a vida clandestina da mãe antes de ser presa. O filme tem início quando o pai deixa o garoto com a irmã de sua mulher por uns dias, com um pretexto qualquer, para não mais voltar: ele comete suicídio.(...) Na última cena, o garoto pega uma foto da mãe afixada na parede do escritório e a rasga. A tia, entre consternada e indignada, repreende o menino, dizendo-lhe que sua mãe fez o que pôde por ele, deu a vida por uma causa, ou algo assim. Ele não desistia e respondia duramente, dizendo à tia que começasse a contar em detalhes o que sua mãe fizera por ele. No desfecho da história, coloca-se esse questionamento implacável do garoto. (p. 21)

Ridenti busca através de *Os anos de chumbo* e *San Michele aveva un gallo* (1982) produção italiana dos irmãos Taviani, ilustrar através dos argumentos destes filmes as questões geracionais que envolvem o fato histórico dos anos de chumbo e a luta armada, assim como a repressão e a alienação das gerações posteriores, tanto do ponto de vista da ignorância histórica como da incompreensão política, uma vez que trata de um passado nefasto e sombrio.⁴

Segundo ele, há uma grande parte da geração posterior ao golpe militar, as crianças daquele período, os jovens estudantes universitários como ele, identificados com o filho da terrorista alemã: *abandonado, sofrido e despolitizado (...) O menino queria saber das condições que o geraram como indivíduo e como ser social de um mundo brutalizante, em que o humano está submetido à lógica das coisas.*” (p. 22)

Assim como Mauro? Na minha interpretação, não. A opção de Cao Hamburger e enfatizada nos depoimentos de atores e membros da equipe do filme foi de focar na(s) resistência(s) da(s) criança(s), buscando uma estética da infância, ressignificar as condições dadas e recriar possibilidades de criação das culturas infantis, apesar das brutalizações do mundo ‘adulto’ a espreita, elas jogam, brincam, brigam, reinventam o mundo.

É notória a experiência do diretor com o universo infantil, ele tem uma extensa carreira com cinema de animação, televisão, em especial os trabalhos com *O Castelo rá*

4 Cabe destacar neste movimento de resgate da memória da infância na ditadura brasileira o documentário “**15 filhos**” (1996) de Maria Oliveira e Marta Nehring, que traz depoimentos de ‘crianças’ (no filme realizado na década de 90, são jovens) presas na ditadura militar.

*tim bum*⁵, que também virou longa para o cinema, porém até que ponto a poética do filme, apoiada nas culturas infantis não é a expressão de um aspecto da cultura brasileira embriagada na euforia festiva que tem seus apogeu ao ritmo do samba, o carnaval e o futebol.

Outras referências cinematográficas para problematizar os rastros da memória, educação, infância e cinema são os filmes argentinos *A Historia Oficial* (1985) e *Infância Clandestina* (2012) duas produções cinematográficas que se conectam no tempo e espaço, de maneiras distintas com o enfoque sobre a questão da infância na ditadura militar.

Porém ambos são exemplares para a reflexão sobre a estética da infância no cinema, tendo como pressuposto teórico metodológico, compreender os filmes como “documentos” plenos de uma emergência histórica. Fredric Jameson em *As marcas do visível* (1995) na sua introdução defende que,

(...) a única maneira de pensar o visual, de inteirar-se de uma situação em que a visualidade é uma tendência cada vez mais abrangente, generalizada e difundida é compreender sua emergência histórica. Outros tipos de pensamento precisam substituir o ato de ver por outra coisa; apenas a história, entretanto, pode imitar o aprofundamento ou a dissolução do olhar. (p. 01)

Considerando o ato de ver, nesta perspectiva histórica repleta de contradições, como olhamos estes filmes? Percebemos os movimentos de aproximação e recuos ao retrataram a história recente de seu país? E como a infância é protagonista destas narrativas, para além das crianças concretas e da experiência física que estes filmes possibilitam?

A Historia Oficial dirigida por Luis Puenzo, lançado em 1985, foi um filme marco do cinema político contemporâneo na América Latina, sua emergência histórica foi evidenciada pela repercussão nacional e internacional, ganhando o Oscar de melhor filme estrangeiro.

⁵ **O castelo Rá-Tim-Bum!** É uma série da TV Cultura que completou recentemente 18 anos (foi criado em 1994), dirigida pelo Cao Hamburger que o adaptou para o cinema em 1999. É um marco e um clássico da programação para as crianças na TV brasileira. Para comemorar a TV produziu um ‘documentário’ que traz importantes reflexões do processo criativo do diretor na sua relação com sua infância como inspiração estética para sua criação. <http://cmais.com.br/castelo> Acesso em 27/03/2013.

A emergência histórica de A história Oficial é reacendida⁶ 27 anos depois com a produção do filme **Infância Clandestina** (2012), um filme atualíssimo que o tem como referencia fundamental, porém que busca outras formas estéticas e políticas de fazer um filme histórico. Na minha leitura vai de encontro com a perspectiva adotada no filme ‘*O ano em que meus pais saíram de férias*’, apresenta o ponto de vista da criança como sujeito histórico.

Primeiro longa metragem do diretor argentino Benjamim Ávila, foi produzido por Luis Puenzo (diretor de “A História Oficial”) e também foi indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro pela Argentina, teve co-produção brasileira e vai de encontro com as produções artísticas de crianças de ontem, que buscam retratar as suas maneiras os dramas vividos no passado.

Segundo declarações de seu diretor, trata-se de uma homenagem as pessoas que lutaram contra a ditadura militar em seu país, tem em seu protagonista Juan-Ernesto (um garoto de 11 anos) o alter ego do diretor que viveu a infância na clandestinidade com seus pais, militantes da organização Montoneros.

II. A infância roubada: as crianças na ditadura militar brasileira

Através do livros “O que resta da Ditadura” (2010) e do clássico “Brasil Nunca Mais” (1985), pude ir delineando o movimento de encontro entre a memória pessoal e a coletiva que vivenciei durante todo o processo de pesquisa, em ambas publicações busquei referências em estudos que trazem a questão da infância, no primeiro apresenta um texto muito especial de Janaína de Almeida Teles sobre “*Os familiares de mortos e desaparecidos políticos e a luta por verdade e justiça no Brasil*”, texto riquíssimo em informações históricas para compreendermos o drama de quem ficou e no “Brasil nunca Mais”, tem um pequeno capítulo sobre a Tortura em crianças, mulheres e gestantes, com dados assustadores, ambos trazem precioso relato historic.

A partir desta busca, cada vez mais sensível ao tema, tive acesso a publicação virtual do Wanderley Caixe do “O Berro”, em especial o texto “A ditadura não acabou”, que apresenta matéria publicada na revista ISTOÉ 30/01/2010: *Filho de militantes de esquerda, Carlos Alexandre foi preso e torturado quando era bebê. Cresceu agressivo e*

⁶ Outros filmes nos últimos anos vêm trazendo de formas distintas esta temática, em especial destaco as produções argentinas: **Kamchatka** (2002) de Marcelo Pineyro e **O dia em que eu não nasci** (2010) de Florian Micoud Cossen, uma produção Alemanha/Argentina.

isolado. Aos 37 anos, ele ainda sente os efeitos dos anos de chumbo: vive recluso, sem trabalho nem amigos - sofre de fobia social.

Três anos depois, como uma crônica de uma morte anunciada, recebo a informação ao acaso pela internet, fragmentos, estilhaços de um passado que se faz presente...

Meu coração sangra de dor. O meu filho mais velho, Carlos Alexandre Azevedo, suicidou-se na madrugada de hoje, com uma overdose de medicamentos. Com apenas um ano e oito meses de vida, ele foi preso e torturado, em 14 de janeiro de 1974, no DEOPS paulista, pela "equipe" do delegado Sérgio Fleury, onde se encontrava preso com sua mãe. Na mesma data, eu já estava preso no mesmo local. Cacá, como carinhosamente o chamávamos, foi levado depois a São Bernardo do Campo, onde, em plena madrugada, os policiais derrubaram a porta e o jogaram no chão, tendo machucado a cabeça. Nunca mais se recuperou. Como acontece com os crimes da ditadura de 1964/1985, o crime ficou impune. O suicídio é o limite de sua angústia.⁷

A carta de luto acima, do pai da vítima, foi amplamente divulgada na mídia (de esquerda, alternativa...), juntamente com notas de solidariedade, dos movimentos sociais que lutam pelo direito a verdade, para além do movimento reparatorio, no sentido de reencontrar este passado sombrio, iluminando-o com o julgamento dos responsáveis pelos crimes cometidos.

A Lei n. 12528 de 18 de novembro de 2011, uma lei ordinária que cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da casa civil da Presidência da República é a expressão máxima deste movimento, após a comissão da anistia, os julgamentos e as indenizações reparatorias, busca-se neste momento construir uma memória sobre a ditadura militar, a partir do enfrentamento das feridas abertas, como o desenlace do caso do Carlos Alexandre.

Recentemente tive acesso a um Marx insólito, referindo-me a apresentação do livro “*Sobre o Suicídio*” de Karl Marx (2006), trata-se de um ensaio do jovem Marx (publicado em 1846) em que nos apresenta brevemente e amparado nos escritos de um ex-arquivista policial, Jacques Peuchet (1758-1830) crônicas de mortes anunciadas pela opressão e a violência que as sociedades modernas, patriarcais, burguesas e

⁷ http://www.mndh.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3241&Itemid=56
Acesso em 18/03/2013.

extremamente violentas impõem a vida de todos e todas, em especial, as mulheres (dos quatro casos de suicídios expostos e analisados, três são de mulheres).

Trata-se de um texto precioso no seu fundamento de reflexão sobre as sociedades modernas, com uma impressionante atualidade, ecoa no presente um passado já indignado que nos questiona, “*Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo?*” (Marx, 2006, p. 28)

Na perspectiva de prever, ou de enfrentar a solidão do esquecimento e ou do processo de impunidade perante as violências cometidas na ditadura militar, à comissão da verdade instituída pela Lei 12528, tem a tarefa de reconstruir a memória nacional do período a partir da busca pelos rastros, que não foram apagados, ou silenciados pelo lento processo institucional das políticas públicas.

Neste movimento cabe ressaltar os aspectos formativos de pesquisa, propostos a partir da criação de Grupos de Trabalho, compostos por renomados pesquisadores (envolvidos de alguma forma com pesquisas, participação e resistências políticas) para realizar esta árdua tarefa de recolher os cacos, seguir os rastros e amalgamando os dados, as vozes, documentos esparsos, obscuros, a fim de construir e ou criar uma memória coletiva, nacional para este período, em especial saliento o GT Ditadura e Gênero.

Segundo Maria Rita Kehl (2009) em seu livro *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*⁸, seguindo os rastros de Benjamin, a autora dialoga com Freud, relaciona a melancolia com a depressão contemporânea e reforça o projeto benjaminiano da potência do ato de rememorar e narrar o passado. E neste processo também vou encontrando sentido para a entrega e busca incessante deste encontro da jovem angustiada de hoje, com a criança inquieta de ontem, em meio a fracassos e utopias que se renovam.

Outro destaque sobre a potência do ato de rememorar a autora ressalta na introdução ao livro, refletindo sobre a passagem do trauma de uma vivência pessoal para uma experiência coletiva, neste processo de “cura” as possíveis ressignificações

⁸ Neste livro destaco dois capítulos que compõem a segunda parte de “O tempo e o cão: a atualidade das depressões”, ambos em intensa interlocução com Walter Benjamin, trata-se de Temporalidade e experiência e A melancolia de Baudelaire e a lírica do choque.

vão sendo gradativamente atrelados a diversos fatores sócio-históricos que condicionam os traumas,

Ao refletir sobre as condições de elaboração do trauma causado pelo Holocausto na sociedade alemã, Jeanne Marie Gagnebin retoma o conceito benjaminiano de *rememoração*. Trata-se de contrapor ao recalçamento da memória do trauma não um compromisso obsessivo com a má consciência que não cessa de evocar os sofrimentos passados, mas “uma memória ativa que transforma o presente.”⁹ Ou seja, a autora, que não é psicanalista e sim filósofa, pensa que uma “cura” para os sintomas sociais é possível. Ela pode se dar por meio de intervenções coletivas no espaço público, que reorganizem o campo simbólico de modo a incluir e ressignificar os restos deixados pelo evento traumático. (p. 28)

No livro “*A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*” (2013) da professora e pesquisadora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp Margareth Rago. Trazendo as histórias, memórias, aventuras e desventuras de 7 mulheres, feministas e personagens históricas do Brasil contemporâneo.

Entre outras importantes reflexões, fantásticas personagens, destaquei o encontro especial com Maria Amélia de Almeida Teles, a Amelinha e também com a sua irmã Criméia, ambas militantes do PC do B, a última sobrevivente da Guerrilha do Araguaia, as duas presas políticas, torturadas, com e juntos de seus filhos.

Entre “vivos-sobreviventes” e feridos, estas duas mulheres, feministas históricas do movimento de mulheres em São Paulo, estão na linha de frente da Comissão da Verdade e na produção do Seminário citado anteriormente, “*Verdade e Infância Roubada*”, realizado de 06 a 10 de maio de 2013, na Assembléia legislativa do Estado.

O seminário colheu cerca de 50 depoimentos das crianças do passado envolvidas nos crimes cometidos na Ditadura Militar, trata-se de narrativas dos/as adultos/as traumatizados do presente? Na minha percepção não há como responder com precisão esta questão, pois é um complexo emaranhado de vidas nestas memórias.

Os filhos da Amelinha também foram ouvidos no Seminário, Janaina de Almeida Teles e Edson de Almeida Teles, foram presos com os pais em 28/12/1972, tinham 4 e 5 anos respectivamente, ambos também estão envolvidos com a comissão da Verdade e os movimentos de luta por Justiça e reparação das vítimas da Ditadura, se

⁹ Jeanne Marie Gagnebin, Após Auschwitz, em Lembrar escrever esquecer, São Paulo: Editora 34, 2006, p. 59.

formaram na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP, ela é historiadora e ele filósofo, Professor de Filosofia Política na UNIFESP.

A repercussão do Seminário foi intensa na mídia, uma emissora da TV aberta produziu uma série de reportagens que trazem estes depoimentos, as histórias destas crianças no passado e seus desdobramentos no presente, um deles é do Edson narrando que não conseguia reconhecer a sua mãe, só pela voz, que ela estava roxa e o pai verde (porque entrou em coma) ambos brutalmente torturados e expostos aos filhos¹⁰.

No livro “*Direito à Memória e à Verdade: história de meninas e meninos marcados pela Ditadura*” (2009), uma publicação da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, explicitamente evidencia uma intencionalidade pedagógica do estado brasileiro, com as imagens, as narrativas e o caráter didático de apresentação histórica, em um aparente movimento de amenizar e combater o esquecimento e a alienação coletiva sobre este período recente da história brasileira.

III. Memória e poéticas da resistência

Para além dos filmes *A História Oficial* (1984) e *Infância Clandestina* (2011), analisados e relacionados anteriormente, encontrei no processo da pesquisa, outras imagens e sons da memória e da resistência na cinematografia contemporânea, em especial os trabalhos de Albertina Carri, jovem cineasta argentina, destaque das últimas mostras de Cinema Latino Americano em São Paulo.

Em 2010, na referida Mostra, Albertina exibiu “Restos” (2010), um curta metragem de 8 minutos, que de maneira poética narra a descoberta de rolos de filmes ‘clandestinos’, feitos por militantes de esquerda entre os anos 1960 e 1970 e encontrado recentemente, feito por encomenda pelo governo argentino, dentro de um projeto audiovisual de ‘25 miradas’ (olhares), curtas diversos em razão da comemoração do bicentenário argentino. Em 2013, apresentou na mesma mostra “La Rabia” (2012), um longa metragem que fala de violência doméstica, as tumultuadas relações entre o mundo adulto e infantil, memória e resistência, através de múltiplas linguagens.

Albertina Carri despontou no cenário audiovisual latino americano com o documentário “Los Rubios” (2003). Neste filme a diretora se coloca explicitamente, como protagonista da narrativa, apresentando cenas dela e da sua equipe de filmagem, além da presença de uma atriz que se apresenta e a representa no filme, que é uma busca

¹⁰ Estão disponibilizadas no site Viomundo: <http://www.viomundo.com.br/denuncias/edson-teles-a-voz-era-de-minha-mae-o-rosto-nao-parecia.html> Acesso em 14.12.2013

dos vestígios sobre sua mãe e seu pai, desaparecidos políticos, mortos pela repressão em seu país.

Segundo a historiadora, Ana Maria Veiga, estudiosa das relações entre cinema, memória e resistências na América Latina,

Carri leva consigo os traumas dessa perda violenta e da imaginação que remonta o tempo que eles passaram na prisão, sua tortura e depois morte. Em *Los rubios*, um filme que rompe com padrões narrativos, ela denuncia ao mesmo tempo os lapsos da memória e o mosaico que se pode formar com a contraposição de testemunhos sobre um mesmo evento e sobre as mesmas pessoas. A inserção de bonecos “playmobil” para reconstituir cenas de sua infância quebra com a dureza dos depoimentos, mas traz a dramaticidade da visão de uma criança sobre os acontecimentos. Lançado em 2003, seu filme nos mostra a atemporalidade da discussão sobre o tema das ditaduras e suas conseqüências, e a pertinência de se trazer este debate para o campo da história do tempo presente, embora com a problematização da questão central neste tipo de representação: a subjetividade¹¹

No filme *Los rubios*, Albertina documenta o processo de busca dos pais desaparecidos e de reconstrução de uma memória perdida, obstruída pela ditadura militar argentina, quando seus pais foram presos em 1977, ela com 3 anos de idade e suas irmãs um pouco maiores. O documentário é feito através de documentos esparsos da família, fotos, gravações do passado e do presente, narra com sons e imagens múltiplas uma poética autoral dilacerante, inclusive ficcionando sua própria experiência de vida.

Albertina Carri transita do cinema documentário para o cinema de ficção, é uma artista transgressora de gêneros, pois seus filmes são híbridos, mesclam imagens de arquivo, diversas técnicas de animação e propõe uma abertura para infinitas possibilidades estéticas, para sua poética em construção.

¹¹ Neste trabalho apresentado na ANPUH 2011, a autora relaciona os cinemas de Albertina Carri e da cineasta brasileira Lucia Murat, no “Trauma e memória nos filmes de duas cineastas do Brasil e da Argentina”, segundo Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH • São Paulo, julho 2011. A pesquisadora defendeu em março de 2013 a tese “Cineastas brasileiras em tempos de ditadura: cruzamentos, fugas, especificidades” no Departamento de História da UFSC, sob orientação de Joana Maria Pedro.

IV. Considerações Finais

Problematizar as relações entre a infância no contexto das lutas que marcaram a história do século XX tem a intencionalidade de construir novas possibilidades de compreensão das crianças ao longo da história. Salientar a importância fundamental dos movimentos sociais que lutam pelos direitos humanos, no contexto de luta por verdade e justiça pelos crimes cometidos nas ditaduras militares que assolaram o Brasil e outros países da América latina busca evidenciar as formas como a infância e as crianças vem sendo vistas, ouvidas e consideradas neste processo de construção de outras memórias sobre a nossa história.

Evidenciar as relações da arte com a política, são tomadas como chave para pensarmos nos intermitentes desafios de politização da arte, contra a estetização da política conforme nos alertou Walter Benjamin em seu precioso e pertinente ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1985), escrito nos anos 1930, entre guerras, pleno das ressonâncias das tragédias do século e ainda uma referência crítica fundamental para a compreensão da arte, em destaque a arte cinematográfica e sua função social fundada na práxis política.

Nesta perspectiva defendemos o cinema, em sua dimensão de artefato cultural, imbricado nas interfaces da arte e da política, como um potente documento histórico que em seus movimentos e deslocamentos do passado no presente, nos inquieta e provoca-nos a pensarmos na nossa responsabilidade coletiva e histórica sobre e com a infância que temos e a que queremos, desta forma finalizo remetendo as palavras de Sartre (1963) ¹² ao defender o filme *A infância de Ivan* (1962) de Andrei Tarkovski, *a guerra mata, inclusive os que sobrevivem!!!*

¹² Sartre escreveu uma carta dirigida ao Alicata, editor do jornal L'unita (em 9/10/1963) contra as críticas da imprensa de esquerda italiana, após o filme ganhar o Leão de Ouro em Veneza, onde o acusavam de uma estética burguesa, repleta de simbolismo e expressionismo uma vez que a estética de Tarkovski rompe com as expectativas do formalismo soviético, inovando com uma poética plena daquilo que Sartre remete a uma expressão de um jovem poeta russo (Vosnessenky) como um *suprerealismo socialista*.

Referências

- ARNS, Paulo Evaristo (org.) *Brasil nunca mais*. São Paulo: Editora Vozes, 1985.
- ALMEIDA, Milton J. *Cinema Arte da Memória*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- As idades, o tempo. Campinas: *Pro-Posições*. vol. 15, n. 1 (43). jan/abr 2004, p. 39-62.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura - Obras escolhidas, Volume I*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DE AQUINO, Rubim Santos Leão. *Um Tempo para não Esquecer: 1964-1985*. Rio de Janeiro: Ed. do Coletivo A e Ed. Achiamé, 2010.
- FARIA, Ana Lúcia G. e SILVA, Adriana A. Por uma nova cultura da infância: Loris Malaguzzi. *Revista Educação Especial*, v. X, p. 98-111, 2013.
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Petrópolis: Vozes, 1961.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 59.
- História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.
- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *Imagens entrecruzadas de Infância e de Produção do Conhecimento Histórico em Walter Benjamin* In Por uma cultura da Infância: metodologias de pesquisa com crianças. Ana Lúcia Goulart de Faria, Zeila de Brito Fabri Demartini, Patricia Dias Prado (orgs.) Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- JAMESON, Fredric. *As marcas do visível*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- LOWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005..
- MARX, Karl. *Sobre o Suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- PEDRO, Joana Maria e WOLFF, Cristina S. *Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005
- RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- SILVA, Adriana A. *A Poética do Cotidiano com Clarice Lispector: emergindo imagens*. 2008. Dissertação (Mestrado em Multimeios: Cinema e Vídeo) - Universidade Estadual de Campinas (Instituto de Artes, UNICAMP), Campinas.
- TELES, Edson e SAFATLE, Vladirmir. *O que resta da ditadura*. São Paulo: Botempo, 2009.
- TELES, Maria Amélia de A. *Breve História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.
- TELES, Amelinha e LEITE, Rosalina Santa Cruz. *Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980)*. São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros).

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LARROSA, Jorge, José Miguel (orgs) *A Infância vai ao cinema*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2006.
XAVIER, Ismail. *A experiência do Cinema*. Rio de Janeiro. Editora Graal, 1983.

FILMOGRAFIA

O Ano em que meus pais saíram de férias, Cao Hamburger, Brasil, 2006.
A História Oficial, Luis Puenzo, Argentina, 1985.
A infância Clandestina, Benjamim Ávila, Argentina/Brasil, 2011.
O dia em que eu não nasci, Florian M. Cossen, Alemanha/Argentina, 2010.
Machuca, Andrés Wood, Chile/Espanha, 2004.
Kamtchaka, Marcelo Piñeyro, Argentina, 2002.
A culpa é do Fidel, Julie Costa Gravas, França, 2006.
Los Rubios (2003), **Restos** (2008) e **La Rabia** (2012), Albertina Carri.

SITES CONSULTADOS

<http://bernardogbnogueira.blogspot.com.br/>
<http://www.brasildefato.com.br/>
<http://cmais.com.br/castelo>
<http://www.contracampo.com.br/>
<http://www.cnv.gov.br/>
<http://www.mndh.org.br/>
<http://www.cnq.org.br/>
<http://portal.mj.gov.br/>

ANEXOS

(Lista de imagens)



Figura 1. Sequências do filme *O ANO QUE MEUS PAIS SAIRAM DE FERIAS*, referenciando o contexto dos anos de chumbo.



Figura 2. Imagens do filme *A HISTÓRIA OFICIAL*: com ênfase ao movimento das mães da *Plaza di Mayo*.



Figura 3. Imagens da mãe do protagonista no filme *INFÂNCIA CLANDESTINA*.
O filme é dedicado a mãe do diretor...

Em memória da minha mãe, Sara E. Zermoglio, presa e desaparecida em 13/10/1979, aos meus irmãos, meu pai, meus filhos, a todos os filhos, netos, militantes, a todos que mantiveram a fé. (Dedicatória nos créditos finais)



Figura 4. Imagens de divulgação do Seminário Verdade e Infância Roubada (maio de 2013).

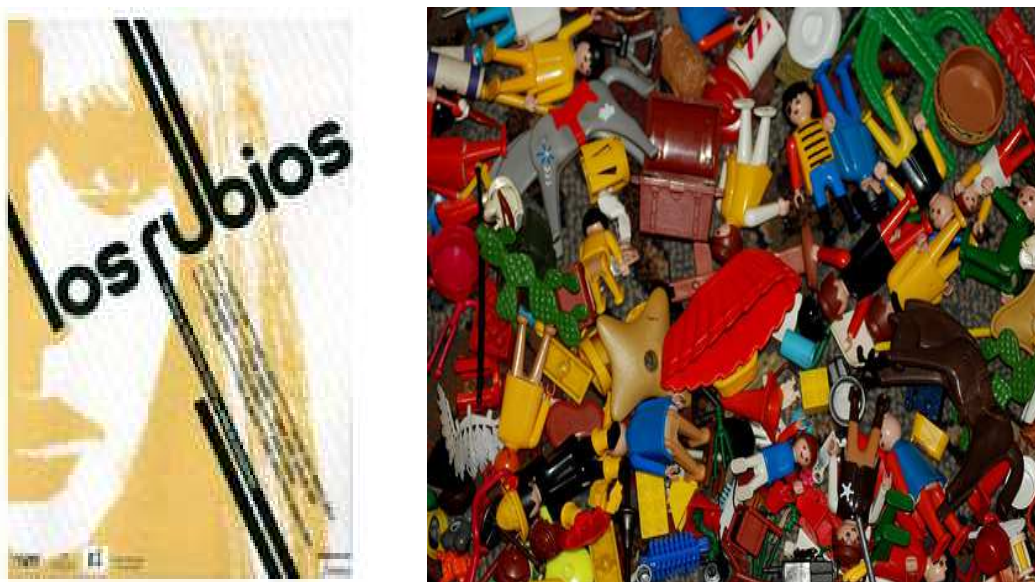


Figura 5. Imagens da produção documental/ficcional LOS RUBIOS (2003) .